

Movimentos no escuro

POR SOFIA TOMAZELLI¹

ILUSTRAÇÕES DE PALOMA FRANCA AMORIM²

Uma mesa tão redonda quanto à Távola. De cadeiras diametralmente opostas, Dirceu Borboleta e Lady Macbeth se encaram. Ambos têm o mesmo rosto feminino, o dele três anos mais novo. A insegurança inocente dele se transformou na confiança perigosa dela – mas não se enganem. Ao seu modo, ambos são assassinos.

No crachazinho preso à camisa de Dirceu (que é a camisa do meu pai), lê-se: 1.

Lady Macbeth possuía um crachazinho com o número sete, mas ela o mastigou.

A mesa é simultaneamente tão imensa quanto a vida e tão pequena quanto a mente humana é capaz de visualizar com conforto. (Um truquezinho aristotélico possivelmente distorcido: use um animal como referência. Pessoalmente, eu gosto de uma mesa do tamanho de uma raia gigante.) As cadeiras ao redor dela são incontáveis, principalmente porque estão no escuro. Apenas sete lugares estão em pontos de luz.

A Procuradora, com seu crachá (6), está sentada o mais longe que conseguiu de ambos os criminosos (90°). A essa altura ela já sabe que *todos* são criminosos, ela inclusive, mas o caçador de borboletas e a rainha maldita a enojam mais. (Se por seus atos homicidas ou se por suas escolhas de moda, é difícil precisar... Mas uma rainha que veste uma camisa xadrez de brechó no lugar da saia é definitivamente culpada de alguma coisa, ao ver dela.)

1. Estudante de Letras da FFLCH/USP, atriz recém-formada pelo Teatro Escola Macunaíma e, para todos os fins, uma contadora de histórias.

2. Ilustradora e escreve crônicas para o jornal *O Liberal*.





A Procuradora abana fervorosamente seu leque – para afastar o cheiro de sangue, talvez, mas mais provavelmente por força de um hábito adquirido em um teatro com temperaturas vulcânicas (um ar condicionado quebrou, o outro pingava em cima do público e ficou desligado. *Pancake* branco chovia: os atores pareciam velas se derretendo em cena. *Pancake* é a base d'água, sai com o suor – mas eles só tiveram aula de maquiagem no semestre seguinte). Ao seu lado, uma versão sua um ano mais nova e muito menos maquiada abana outro leque (que quebrou): Irina (4).

Irina pequena caprichosa fatigadíssima movia e comovia sem se locomover. Vai pra Moscou, Irina. Sai dessa mesa e vai pra Moscou!

Mas ela não vai. Ela está eternamente presa à minha mesa. Se ela existisse (boatos rolam nas aulas de Teoria de que nenhuma personagem exista), ela provavelmente teria morrido alguns anos depois na Revolução Russa. Sem nunca ir pra Moscou. (Mas não eu. Eu vou. E ela estará em minha mesa. Se a mesa estiver na minha cabeça, e eu estiver em Moscou, e Irina estiver na mesa, isso significa que Irina está em Moscou? É minha obrigação moral, então, levar Irina para Moscou? O que quer que Moscou seja...)

Próxima a Dirceu, Pietra desenha borboletas na mesa. Seu crachá, todo rabiscado de giz colorido, traz o número três.

Pietra é a única que é minha. Ela praticamente nasceu debaixo dessa mesa. Eu a criei com meu coração esmagado entre a poesia, a prosa e a peça. Cada passo é um passo a mais ou um passo a menos? Eu me desfaço a cada passo, eu me refaço a cada passo. A cada passo, um espaço.

(Ou um ex-passo?) Ela não queria crescer. Ou era eu?

Pietra desenha a pessoa estranha do outro lado da mesa – a pessoa sem rosto. Ela obviamente *tem* um rosto sob a máscara neutra (era como nós chamávamos, mas um amigo me disse recentemente que aquilo era uma máscara larval, e esse rosto obviamente é o mesmo que o de Pietra. (Mas ela não sabe disso. Eu sei.) A pessoa sem rosto é parte de um fluxo: Fluxo C. Vamos chamá-la de Parte-do-fluxo-C. Parte-do-fluxo-C usa o crachá de número dois.

“Essa sou eu. Vivo na corda bamba. Nunca parada, nunca uma coisa ou outra, sempre indo de um extremo ao mais distante ponto de outro extremo. Essa sou eu”, diz Parte-do-fluxo-C, neutra, diluída e concentrada nas palavras de Sarah Kane. Uma neutralidade ácida, desesperada, que dava coceira. Uma peça que foi um parto. Uma fúria neutra.

“Tudo isso são coisas de gente que não se conforma com seu destino”, rebate a Lavadeira de Lorca. Desconfortável, ela divide uma cadeira e um crachá (5) com a Jovem que, diante de seu comentário, revira os olhos e toma mais um gole de seu refresco de anis. A Lavadeira tem uma consciência ptolomaica, a Jovem, uma galileana. (Não que eu soubesse disso na época. Eu só li Bakhtin depois. Mas pra entender o que isso significa, basta assistir *A Vida de Galileu* do Brecht... Então acho que cabe aqui.) Por isso mesmo, elas talvez preferissem cadeiras separadas. Talvez seja injusto obrigá-las a dividir uma cadeira apenas porque eu vivi as duas na mesma noite. Mas é uma experiência.

Todos se entreolham em silêncio. Então olham



para trás, para cima, para fora da mesa – o escuro maior. Acho que olham pra mim.

Não olhem pra mim.

(Eu sei, eu sei, no palco você olhava pra mim, eu te olhava de volta, e a gente dava um jeito de resolver todos os problemas... Aquela parada de ator-personagem e ator-criador, acho. Talvez eu tenha te dado a impressão errada. Ou talvez eu tenha entendido tudo errado. Ou não. Mas uma coisa é certa: aqui não é o palco.)

Dirceu dá uma tossidinha pra chamar a atenção e abre sua pasta. Ele tira de lá um papelzinho amassado e, gaguejante, lê:

“Talvez atuar seja a possibilidade do infinito. Talvez seja muito mais. Talvez atuar caiba na palma da mão. A possibilidade de ser uma só em um pequeno tempo! Permissão para calar meus pensamentos! Infinita é a criadora de universos, infinita é a escrita. Se partilho meu sangue com uma personagem, as vozes na minha cabeça somem. Eu me torno uma só, milhares de vezes, finalmente solitária! (Em pensamento) Cercada, pulsante, conectada. (Tantos olhos, tantas mãos!) Tão menos solitária! Ser atriz é viver o que a escritora arquiteta e isolar o que a contadora de histórias sente. Elucubrar um pouco menos. Existir um pouco mais. (É uma existência concentrada de um ser disperso por todo o universo – tantos universos!)”

Traidorzinho. Foi o que eu escrevi logo depois de abandoná-lo. (Não, não teve reapresenta.)

Então ele acrescenta para a escuridão: “Você ainda pensa assim?”

E nesse momento em que eu luto para, escrevendo, administrar oito personagens

escorregadios ao mesmo tempo, é difícil negar. Atuar, por mais desafiador que seja, é um alívio. A atuação só existe no momento presente. Escrever é uma aberração temporal.

Mas não vou contar isso pra eles.

“LEVEI UMA PISADA DE UM ABAPORU (que não pensou muito a respeito e saltou sem dó)” lê a Procuradora diretamente do meu caderno de História do Teatro. “Isso é muito suspeito. Você claramente não estava prestando atenção na aula! Criminosa!”

Mas talvez eu estivesse. Acho que eu estava.

Eles olham ao redor, em expectativa, esperando uma reação. Qualquer reação.

Não olhem pra mim, porque eu preciso ir embora.

Há infinitas vantagens arquitetônicas em uma sala imaginária. Entre elas, poder desligar as luzes sem entrar lá e ser obrigada a sustentar o olhar deles. Basta apagar tudo.

Mas no exato momento em que aperto o interruptor imaginário, um oitavo ponto de luz se acende e uma cadeira vazia é iluminada. Eu me atiro nela, satisfeita. Interruptor errado, que pena! Olho para o meu próprio rosto, que se repete pela mesa.

Ainda há muito a ser feito.

Eu vou embora, mas a mesa vem comigo. (A Moscou e além!)

Talvez eu até precise pensar em um animal maior que uma raia. ■